

TÓ

REVISTA DE
PSICANÁLISE

PI
CA



N.13

ANO 13
NOVEMBRO.2025
MACEIÓ.AL
BRASIL

ISSN 1980-8992

“TÓPICA É UMA PALAVRA DERIVADA DO VOCÁBULO GREGO ‘TOPOV’, O QUAL SIGNIFICA LUGAR, MAS PODE TAMBÉM SIGNIFICAR A MATÉRIA DE UM DISCURSO. ..., NA RIQUEZA DE SUA SIGNIFICAÇÃO SEMÂNTICA, LEMBRA, POIS, QUE A NOVA REVISTA É O LUGAR DA PESQUISA PSICANALÍTICA”.

TRECHO DA APRESENTAÇÃO DA TÓPICA 1,
POR ZEFERINO ROCHA

PRESIDENTE

Lenilda Estanislau
Soares de Almeida

VICE-PRESIDENTE

Fernando Barbosa de Almeida

TESOUREIRA

Maria Edna de Melo Silva

SECRETÁRIA

Maria do Socorro Tenório
Neto C. Alves

**COORDENADORA DA
COMISSÃO DE FORMAÇÃO
PSICANALÍTICA**

Nádima Carvalho
Olimpio da Silva

**COORDENADOR DA COMISSÃO
CIENTÍFICA**

Ana Lucila Barreiros B.de Araújo

**COMISSÃO CIENTÍFICA E
EDITORIAL**

Ana Lucila Barreiros B. de Araújo
Heliane de Almeida Lins Leitão
Nidyanne Porfirio da S. Pires
Ruth Vasconcelos Lopes Ferreira

**COORDENADORA DA COMISSÃO
DE COMUNICAÇÃO**

Stella Maris S. Mota

**PROJETO GRÁFICO/
DIAGRAMAÇÃO**

Estúdio Grão
estudiograo.com

FOTO DE CAPA

Michel Rios



ISSN 1980-8992

TÓPICA é uma publicação bienal do Grupo
Psicanalítico de Alagoas (GPAL).

R. Dr. Ciridião Durval, 47 - Parque Gonçalves Lêdo, Farol
CEP: 57021-340 - Maceió-AL

82 3221.1404

www.gpal.com.br

gpalmaceio@hotmail.com

@gpalmaceio

O DESENTENDIMENTO HUMANO NUM MUNDO HIPERCONECTADO: UMA DESSIMBOLIZAÇÃO DOS LAÇOS SOCIAIS?¹

RUTH VASCONCELOS

Socióloga e Psicanalista, membro do GPAL (Grupo de Psicanálise de Alagoas) e da IPB (Intersecção Psicanalítica do Brasil).

RESUMO

O texto aborda questões relacionadas aos impactos da realidade virtual e da primazia do Imaginário na vida em sociedade. Tem como fio condutor alguns questionamentos: existe alguma relação entre o processo de virtualização da vida e a dessimbolização dos laços sociais? Em que medida a superficialidade e a velocidade das comuni-

cações, a proliferação de informações e as demandas ininterruptas por meio das redes sociais, interferem nas trocas simbólicas e, consequentemente, na estruturação dos laços sociais na contemporaneidade? A revolução digital provocou transformações irreversíveis na forma do sujei-

¹ Trabalho apresentado na 14ª Jornada de Psicanálise do GPAL, em 30 de novembro de 2024.

to ser e estar no mundo. O que a psicanálise tem a dizer sobre esse tema?

Palavras-chave: *Mídias digitais; realidade virtual; subjetividade; laço social; desentendimento humano.*

ABSTRACT

The text addresses issues related to the impacts of virtual reality and the primacy of the Imaginary on social life. Its guiding thread raises several questions: Is there a relationship between the virtualization of life and the desymbolization of social ties? To what extent do the superficiality and speed of communications, the proliferation of information, and the uninterrupted demands of social media interfere with symbolic exchanges and, consequently, the structuring of social ties in contemporary times? The digital revolution has brought about irreversible transformations in the way individuals are and exist in the world. What does psychoanalysis have to say about this topic?

Keywords: *Digital Media, Virtual Reality, Subjectivity, Social Bond, Human Misunderstanding.*

O tema da 14^a Jornada do GPAL – Psicanálise implicada com o Sofrimento Social – fez lembrar a proposição lacaniana quanto a im-

prescindibilidade de os psicanalistas alcançarem “em seu horizonte, a subjetividade de sua época”, para que possam exercer sua função psicanalítica (Lacan, 1998, p. 322). Interpelada pelos efeitos da hiperconectividade na subjetividade humana, proponho reflexões sobre os desentendimentos humanos como consequência de possíveis processos de dessimbolização dos laços sociais, nas relações presenciais e virtuais na contemporaneidade.

A proposta é trazer reflexões que problematizam a possível relação entre os desentendimentos humanos e a obstrução dos processos de simbolização subjetiva intensificados com o advento da realidade virtual. Sem palavras não há simbolização, e, sem simbolização não há possibilidades de entendimento entre os humanos no circuito civilizacional, que pressupõe práticas de reciprocidade, solidariedade, reconhecimento e compaixão. Os conflitos e desencontros ganham cada vez mais espaço na sociedade que vive os efeitos perturbadores da primazia do Imaginário no mundo virtual, afetando também as relações no espaço presencial. A proliferação de signos e símbolos que circulam nas

redes (*emojis*, mensagens prontas e memes²), substituindo palavras nas trocas interpessoais revelam, em alguma medida, a insuficiência da simbolização do desejo, da falta e da castração. Multiplicam-se as passagens ao ato como acontecimentos ausentes de palavras, escancarando a precariedade da dimensão subjetiva que obstrui o reconhecimento de si mesmo e do Outro como uma alteridade.

Quando me refiro à dessimbolização dos laços sociais realço os fenômenos que se configuram a partir da falência da palavra, da precariedade do campo simbólico e das fraturas sociais decorrentes da falha na inscrição da Lei subjetiva (o Nome-do-Pai). Nas tranças do registro psíquico do ser falante, feitas no enlace do nó borromeano, a precariedade do registro simbólico altera as experiências subjetivas do ser falante, dando espaço à primazia do Imaginário que põe o sujeito num lugar de submissão à tirania dos impulsos desejantes, deixando-o inebriar-se pelos excessos. Se por um lado, o excesso de demandas acontece pela via do imperativo “Goza!”; por outro, há uma escassez dos recursos simbólicos que afetam, so-

bremaneira, as relações sociais e interpessoais, arremessando os sujeitos ao jogo confuso do imaginário feito de fantasias e identificações passíveis de muitos desencontros e desentendimentos.

Na atualidade, há uma predominância do sofrimento sem palavras, da dimensão do gozo e da fragilidade do laço social, que não se remete ao Outro. E não por acaso: o Outro como semblante de regulação não funciona como antes, e, com o apagamento do sujeito, ‘potencializa-se a acefalia da pulsão’ (Tizio, 2009, p. 120 *apud cit* Espinoza e Zanotti, 2017, p. 94).

Não é recente a interferência negativa das mídias no tecido social, particularmente quando naturaliza acontecimentos que explicitam os descertos do humano consigo mesmo e com o ou-

2

Um meme é um conceito criado pelo biólogo Richard Dawkins em 1976 que representa uma unidade de informação cultural (ideias, comportamentos, estilos) que se multiplica de mente em mente, como um gene. Na internet, o termo refere-se principalmente a conteúdo viral – como imagens, vídeos ou frases – que se espalha pelas redes sociais, geralmente com um tom humorístico, e que é facilmente replicado e adaptado (Conteúdo acessado na IA em 06/09/2025).

tro, inclusive atos de intolerância e crueldade, transformando eventos que beiram a barbárie em produtos mercadológicos rentáveis. Incrivelmente, estudos revelam² que existe um interesse mórbido da audiência por assistir ao sofrimento humano, sendo o que alimenta a propagação desses acontecimentos nas mídias, inclusive nas digitais, transformando o desentendimento humano (violência, intolerância etc.) num objeto de consumo de alta lucratividade.

O impacto do movimento midiático frenético que interliga o mundo, com transmissão simultânea de acontecimentos trágicos e violentos, em tempo real, evidenciam e aprofundam a erosão do universo das significações simbólicas, comprometendo assim, os processos de identificação entre os sujeitos que partilham esse tempo histórico que recebe as mais diversas nomeações⁴ para realçar a incerteza, a precariedade e a fragilidade das relações sociais, marcadas pelo “crepúsculo do dever” e a redução da ética em claro antagonismo com o sentido de coletividade, e uma explícita priorização dos direitos individuais. Essa configuração social desafia a exigência

de se viver em coletividade sem renúncias pulsionais e sem a construção de projetos identificatórios entre os humanos.

A ordem simbólica é o polo fundamental da alteridade que funda o psiquismo no registro da representação contrapondo-se à anarquia e à insistência por descarga das forças pulsionais. Sua consistência é necessária para que o sujeito se constitua não como identidade, mas como projeto identificatório. Seu fracasso pode conduzir o sujeito ao limite do colapso (Souza, 2005, p. 38).

Se é verdade que sem o estabelecimento de laços identificatórios os seres humanos encontram-se com o limite do colapso subjetivo, é plausível afirmar que a dessimbolização dos laços sociais seria o anúncio de um mundo em colapso?

3 Realizei estudos (Ferreira, 2008) que problematizam as mídias televisivas locais, que disputavam uma audiência movida pelo desejo insano (sádico, talvez) de ver conteúdos que expunham o trágico e o grotesco em sua versão mais vil e execrável. Naquele tempo, as empresas televisivas tinham o monopólio da comunicação e a exclusividade na transmissão de conteúdos midiáticos. Hoje a realidade da comunicação mudou e cada sujeito, que tem a posse de um Smartphone, pode produzir conteúdos e transmiti-lo em rede, numa escala mundial. De fato, a sociedade que ocupava um lugar de simples espectadora, passou à posição de produtora de conteúdos que podem alimentar o entendimento e/ou desentendimento humanos, dependendo da postura que adotar.

4 Modernidade Líquida (Zygmunt Bauman), Sociedade de Risco (Ulrich Beck), Sociedade Pós-Moralista (Gilles Lipovetsky), Modernidade Tardia (J. Habermas), dentre outras.

Expostos a uma realidade comunicacional que não faz pausas, os internautas são interpelados ininterruptamente⁵, ao tempo em que também se expõem excessivamente, fazendo das redes sociais uma espécie de confessionário (Ver Bauman, 2007). A distorção da liberdade de expressão e de pensamento, assemelha o mundo real e a realidade virtual a uma Torre de Babel. Assim, o que foi criado aparentemente para comunicar, produz perturbações comunicacionais que aprofundam as zonas de conflito na sociedade. A cada dia, as violações dos direitos humanos ganham espaço nas publicações virtuais, aprofundando as rupturas que hoje já são abissais no tecido social. Na verdade, no mundo digital acontecem as mesmas contradições, ambiguidades e equívocos de linguagem (esquecimentos, lapsos e atos falhos nas trocas virtuais) que revelam o inconsciente dos seres falantes.

A despeito de o desentendimento humano estar presente em todos os quadrantes da história humana, há que se reconhecer que nesta Era Digital, ampliaram-se os pontos de contato entre os sujeitos que, como

internautas, participam de redes e comunidades virtuais que assumem características de um fenômeno de massa. Assim, ousou trazer alguns conceitos de Freud para pensar a complexidade desse movimento de massa circunscrito à realidade virtual, a despeito de Freud não ter vivenciado, evidentemente, a magnitude desse fenômeno que afeta, direta ou indireta, todos os viventes que protagonizam esse tempo histórico marcado pela urgência e velocidade que imprimem uma certa superficialidade ao sentido do estar no mundo. Acompanhada por Freud, busco apontar alguns aspectos do movimento de massas que ajudam a decifrar o que vem acontecendo no ambiente virtual que amplificou os desentendimentos humanos neste mundo hiperconectado em redes sociais.

5

A demanda por curtidas, likes e expressões de satisfação através de emojis etc., faz com que os internautas fiquem numa condição de constante avaliação e busca de reconhecimento.

A PRIMAZIA DO IMAGINÁRIO NAS RELAÇÕES CIRCUNSCRITAS À REALIDADE VIRTUAL: UM FENÔMENO DE MASSA?

Em “Psicologia das massas e análise do eu”, Freud (2011) afirmou: “na massa, as particularidades dos sujeitos desaparecem; o heterogêneo submerge no homogêneo. A estrutura psíquica dos sujeitos é desmontada, desabilitada e o fundamento do inconsciente comum a todos é posto a nu (torna-se operante)” (Freud, 2011, p. 20). É absolutamente coerente pensar que as trocas comunicacionais circunscritas aos espaços virtuais, através de plataformas digitais e redes sociais⁶, envolvem sujeitos (internautas) que, embora não saibam, estão regidos pelas artimanhas do inconsciente.

A postura subjetiva adotada pelos internautas assemelha-se ao que Freud delineou como comportamento de massas, em que os sujeitos, impulsionados pela lógica dos grupos, sentem-se invencíveis e, por isso mesmo, tendem a agir sob o “descontrole dos impulsos”, exercendo seu máximo poder. Na conexão das redes sociais, os su-

jeitos tendem a ceder ao descontrole, apagando a consciência moral e subtraindo o sentimento de responsabilidade em relação aos seus atos. Freud refere-se ao sentimento contagioso que envolve os participantes dos movimentos de massa, tornando-os dispostos a sacrificar seus interesses pessoais em função dos interesses do coletivo (Ver Freud, 2011, p. 22). Exergo nas dinâmicas das redes e plataformas digitais esse movimento de homogeneização do pensamento e uma tendência à exclusão dos diferentes, atitude que desestimula o diálogo e subtrai a capacidade reflexiva dos seus participantes, potencializando gestos impulsivos, violações de direitos e atitudes explosivas que colaboram com o aprofundamento das fraturas no tecido social, que sugere uma dessimbolização dos laços sociais.

6

As redes sociais mais usadas no Brasil em 2024 e 2025 incluem WhatsApp, Instagram, Facebook, YouTube e TikTok, com o WhatsApp a liderar em popularidade e uso para comunicação. Outras plataformas como Facebook Messenger, Telegram, Pinterest, X (Twitter) e LinkedIn também têm um número significativo de usuários no país.

Com o apagamento da consciência moral, cresce o volume de sujeitos que se posicionam, sem constrangimento, em defesa de pensamentos retrógrados e posturas conservadoras, racistas, misóginas e machistas que reforçam a secular estrutura patriarcal que produz e reproduz tantas desigualdades e injustiças sociais. Sem qualquer embaraço, alguns internautas desprezam, discriminam e marginalizam àqueles que pensam e sentem de forma diferente das que eles defendem, no campo da sexualidade, da religiosidade, da política etc. É nesta conjuntura que os discursos de ódio e a intolerância ganham expressividade nos espaços midiáticos, com graves consequências para o processo civilizacional que passa a se mover em terreno extremamente incerto e movediço.

É notório como, para alguns, o estar atrás das “telas” cria uma espécie de coragem subjetiva inexistente nas relações presenciais. A invisibilidade corpórea⁷ das relações internauticas favorece a ultrapassagem de fronteiras, além de facilitar a violação de interditos que, no espaço presencial, teriam mais chances de serem preservados (Prioste, 2020, p. 48). Por tudo isso, visuali-

zo uma maior disposição à permissividade⁸ (hostilidades, iniquidades e injustiças) nos espaços virtuais que estão, cada vez mais, marcados pelo desentendimento, intolerância, desrespeito e indiferença; comportamentos facilitados pela distância corpórea. A cultura dos cancelamentos e as práticas de linchamentos digitais são a expressão maior desse movimento subjetivo violento e abusivo protegido pelo distanciamento das “telas”.

Outro aspecto que Freud (2011) identificou no comportamento das massas, e que pode-se encontrar no comportamento dos internautas, é a perda de capacidade intelectual de discernimento e reflexão; postura que facilita a adesão à atitudes impulsivas, sem a mediação da razão. Nesse sentido, ficam mais inclinados a agir sob uma “orientação pela via da sugestão”,

⁷ Jonathan Haidt (2024), define o “mundo virtual” como aquele em que as relações e interações sociais acontecem de forma “assíncrona” e “descorporificada”. Geralmente é a comunicação de um para muitos, em um ambiente “sem custos de entrada e saída”, no sentido de ser simples bloquear pessoas ou sair do ambiente quando não se sente correspondido ou satisfeito. (Ver Haidt, 2024, p. 19).

⁸ Durfour (apud cit Prioste, 2020, p. 66), visualiza o mundo virtual como um “templo sadiano, em que todas as pulsões sádicas, masoquistas, escópicas e exibicionistas são estimuladas por meio da virtualização e fragmentação do corpo e da alma (...)”. Seria um lugar em que se vive o “império das sensações”, e em que o mundo tornou-se “um parque de diversões” (Prioste, 2020, p. 66).

submetendo-se ao “contágio dos sentimentos e das ideias sugeridas” no contexto das massas e das redes sociais. Dessa forma, os participantes tendem a absorver a “influência fascinadora” do líder, como se estivesse sob o comando de um “estado hipnótico”. É, no mínimo, curioso pensar porque, mesmo sendo culto, um sujeito é capaz de “descer vários degraus na escala da civilização” agindo como um bárbaro, quando está sob o comando do movimento de massas (Freud, 2011, p. 23).

A massa é impulsiva, volúvel e excitável. É guiada quase exclusivamente pelo inconsciente. Os impulsos a que obedece podem ser, conforme as circunstâncias, nobres ou cruéis, heroicos ou covardes, mas, de todo modo, são tão imperiosos que nenhum interesse pessoal, nem mesmo o da autopreservação, se faz valer (Freud, 2011, p. 25).

A massa é influenciável, crédula, acrítica, o improvável não existe para ela. Os sentimentos da massa são sempre mais simples e muito exaltados. Vai prontamente a extremos; a suspeita se transforma em certeza rapidamente; uma antipatia se torna em ódio selvagem. Inclina-se aos extremos e exageros; excitada por estímulos desmedidos (Freud, 2011, p. 25).

Ainda Freud esclarece porque os integrantes das massas se submetem às sugestões do líder de forma irrefletida. Segundo ele, a ilu-

são de que o líder ama todos igualmente desencadeia um processo de identificação e um sentimento de igualdade entre os membros que compõem a massa. Como integrantes da massa, os indivíduos “são movidos pela necessidade de estar de acordo e não em oposição a eles [os líderes], talvez, então, por amor a eles [os líderes]” (Freud, 2011, p. 45).

Inspirada nessas reflexões de Freud, visualizo posturas impulsivas e em descontrole inscritas nos espaços virtuais, em que muitos deixam de lado qualquer observância aos princípios éticos e valores morais, autorizando-se despejar nas mídias suas “verdades” sem qualquer responsabilidade quanto às consequências deste ato. E, esse descuido propaga-se como vírus que se transmite por contágio, em que a publicização de atitudes desrespeitosas de uns, autoriza o desrespeito de todos.

Na Era Digital em que se vive uma crise de legitimidade da política e um profundo descrédito nos processos políticos de articulação da coletividade em defesa de direitos sociais, seria pertinente pensar que os *influencers* digitais assumem

um lugar de liderança, oferecendo sugestões sobre a melhor forma de ser e estar na vida? Adotando o discurso capitalista, os *influencers* não hesitam oferecer fórmulas para a felicidade, fazendo promessas de completude pela via do consumo de objetos, além de garantias de sucesso com a medicalização da vida, uma estratégia “científica” para tamponar o vazio da existência. Urge enfrentar a discussão sobre os efeitos do enfraquecimento da capacidade crítica e do declínio da reflexividade entre os seres falantes, identificando sua repercussão no processo de desentendimento humano e dessimbolização dos laços sociais.

O MUNDO VIRTUAL E O PROCESSO DE DESSIMBOLIZAÇÃO DOS LAÇOS SOCIAIS: ALGUNS CAMINHOS DE REFLEXÃO

Como foi dito, a vida em sociedade pressupõe o estabelecimento de laços sociais mediados pela palavra e pelo “dom” da simbolição que se faz o único caminho pelo qual a realidade pode chegar ao sujeito, mantendo-o na condição de ser falante (Lacan, 1998, p. 323). É a linguagem que inscreve os sujeitos no campo social e possibilita a construção de vínculos que dão suporte e sustentação à vida em coletividade.

O compromisso intergeracional com a transmissão da Cultura (crenças, valores,

princípios, ritos, regras, sentidos e significados etc.) tem sofrido abalos no mundo virtualizado que assume o semblante de uma realidade sem comando, sem limites e sem fronteiras. O declínio da Lei e da alteridade fazem crescer a ilusão de que “tudo é possível”, ou que “nada é impossível” sob a face da terra. Nessa Torre de Babel cibernética, os equívocos da comunicação produzem rupturas, particularmente quando faz-se um uso desvirtuado da “liberdade de expressão”, com falas descomprometidas com a ética do respeito e da responsabilidade, gerando conteúdos que se enquadram perfeitamente na legislação brasileira como criminosos. A “certeza” da impunidade favorece essa tal liberdade de expressão e pensamento, aprofundando os desentendimentos na Torre de Babel virtual, em que o pensar, o julgar, o agir e o se expressar distanciam-se da “regra de ouro” que comanda o jogo democrático: a “A minha liberdade termina onde começa a do outro”. Esse aforismo significa que o limite da liberdade de alguém está no respeito pelos direitos e liberdades dos demais. O direito de agir de acordo com suas próprias vontades, exige

que suas ações não prejudiquem, interfiram ou causem danos à liberdade alheia.

As *fake news*, a produção de pós-verdades, as práticas invasivas e persecutórias de *cyberstalking* e os vazamentos de dados configuram-se crimes cibernéticos que vulnerabilizam os internautas e revelam a dessimbolização dos laços sociais, implicando na ausência do compromisso com a transmissão da Cultura para novas gerações. É, no mínimo, estranho existir uma plataforma nomeada de Dark Web⁹ que incentiva práticas fora da lei, vendendo informações pessoais usurpadas, comercializando bens roubados, além de acolher um submundo cibernético que dá guarida à pornografia e à prostituição virtuais, aos jogos de aposta, ao tráfico de drogas e de pessoas. É desconcertante constatar que a *Dark Web* aloja *sites* que incentivam ao suicídio, ensinam a aplicação de golpes, praticam pedofilia e podem viabilizar contato entre terroristas. Essa prática perversa facilitada pelas redes e plataformas digitais, reforçam a desvalorização da vida e acolhem a banalização da morte, e, consequentemente, representam uma dessimbolização dos laços sociais.

Cláudia Prioste (2020) aponta a gravidade de uma indústria cultural global que investe no consumo e na inserção ilimitada de jovens à realidade virtual, comprometendo sua capacidade reflexiva e simbólica, favorecendo a manipulação de suas “fantasias perverso-polimorfa” e a sua “adesão irrefletida à *sites* que reforçam “as perversões ordinárias como forma predominante de subjetivação psíquica”¹⁰ (Prioste, 2020, p. 99). Nesta mesma direção, Charles Melman (*apud cit* Prioste, 2020) argumenta que “a sociedade contemporânea estaria passando de uma economia da repressão para uma economia da excitação do gozo, de uma fase da representação para uma fase da apresentação, marcada por um novo tipo de relação com o objeto, que desprezaria a mediação simbólica e a renúncia do objeto amado” (Prioste,

te, 2020, p. 90). Assim, o direcionamento das pulsões sexuais para o mundo tecnológico e para o consumo de objetos virtuais, com um forte caráter narcísico de satisfação ilimitada dos prazeres, evidencia uma incitação ao prazer desmedido que dificulta a juventude lidar com a castração. Cláudia Prioste (2020) reafirma os argumentos de Lebrun que também defende a hipótese da constituição de uma nova estrutura psíquica, nos seguintes termos:

O discurso técnico-científico tem contribuído para uma imersão do sujeito no mundo imaginário, em detrimento do mundo simbólico que tende a tornar-se cada vez mais virtual. A disseminada ilusão de que ‘tudo é possível’ ou ‘nada é impossível’ faz alusão a uma satisfação plena que impossibilitaria a confrontação com o interdito estrutural do sujeito do desejo (Prioste, 2020, p. 91).

Outro aspecto que aponta para a complexidade do jogo das relações sociais no mundo contemporâneo é a publicização da intimidade nos espaços virtuais, incentivando práticas de voyeurismo e exibicionismo, movida pelo desejo de ver e de ser visto, que produz fortes impactos na economia psíquica dos sujeitos, particularmente dos mais jovens. Só cresce a publicação de registros fotográficos que expõem corpos desnudos, intimidades sexuais, além da exposição de práticas corriqueiras do cotidiano (o que come e bebe, onde se en-

contra), publicizando, muitas vezes, experiências grotescas e bizarras que, sem mediação da castração, fragilizam os vínculos e contribuem para a dessimbolização dos laços sociais. Essa imprecisão das fronteiras entre o público e o privado, materializada na exposição da vida pessoal no espaço público das redes sociais, revela a condição a que muitos internautas se submetem, como uma espécie de humilhação, que se traduz jocosamente pelo novo cogito: “Posto, logo existo!”.

Há uma certa postura de “servidão voluntária” entre aqueles que se prestam à expor sua privacidade, desmedidamente, nos meios digitais, assim como entre os que se dispõem a cascavilhar a vida dos outros, com práticas projetivas e introjetivas que embaralham o limiar entre o eu e o outro. Enxergar a si mesmo e ao mundo pela mediação do “olho digital”, através das câmeras acopladas nos *Smartphones*, também é revelador de uma postura individualista que se concretiza na explosão de “selfies narcísicos” nesta Era Digital. Se antes, a sociedade participava do jogo da comunicação apenas na condição de receptores de conteúdos midiáticos, hoje assume a

condição de “captadora” e “postadora” de imagens digitais¹¹.

Evidentemente, o mapeamento de todas essas questões não esgota a complexidade do tema, mas pode servir de fio condutor para uma melhor visualização do cenário atual que apresenta uma fragilidade nos vínculos, um esgarçamento dos laços e uma certa desilusão com o futuro, porque, dentre outros fatores, a vida se transformou no aqui e agora dos acontecimentos que imprimem uma urgência e aceleração na existência humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem conclusões, finalizo com algumas indagações que mantêm o debate em aberto: existe alguma correlação entre o processo de virtualização da vida e o processo de dessimbolização dos laços sociais? É possível barrar a primazia do Imaginário presente nas relações virtuais, em favor do fortalecimento das trocas simbólicas? Em que medida a superficialidade e a velocidade das comunicações, a proliferação de informações acompanhadas de apelos e demandas ininterruptas por meio das redes sociais, interferem nas

trocas simbólicas e, consequentemente, na estruturação dos laços sociais na contemporaneidade? Até que ponto a dessimbolização dos laços sociais significa algum prenúncio de desastre civilizacional em curso?

Nesses termos, o tema apresentado permanece inconcluso e inacabado, e convoca a Psicanálise e os psicanalistas ao trabalho. O mundo que acontece *on-line* e a realidade virtual que bate à nossa porta, impõem-se como um Real que, a despeito do impossível de ser simbolizado, pede simbolização. É preciso reconhecer que a nanotecnologia e a cibernética alteraram, definitivamente, a face do Universo, não só por fazer circular milhares de satélites e GPS na órbita terrestre; mas, também, por imprimir uma nova dinâmica e configuração nas relações sociais, culturais, políticas e econômicas. O

¹¹ Um fato novo, nesta dinâmica das redes sociais, é o fenômeno da monetização das plataformas digitais que alterou a forma de consumo e transformou a inserção na internet como um meio de vida para criadores de conteúdos que expõem seu estilo de vida e intimidades com a finalidade de atrair seguidores, estimulando-os ao consumo que se reverte e, pagamento das marcas consumidas, por meio de comissões e contratos de publicidade.

próprio sentido de tempo e espaço estão alterados pelo encurtamento das distâncias e a simultaneidade do acesso às informações que circulam num mundo globalizado.

Não são poucos os impactos da era digital na vida atual, senão vejamos: a potencialização dos mercados; a comunicação intercontinental, em tempo real; o mundo dos entretenimentos, como jogos digitais e tv à cabo, plataformas de música (Spotify) e filmes cinematográficos em plataformas digitais (Netflix, entre outras). A possibilidade de fazer visitas virtuais a Museus, nos quatro cantos do universo, e de ter acesso à produção editorial de *ebooks* e bibliotecas virtuais são ganhos incalculáveis. Conquistas civilizacionais que transformaram a forma do ser humano. Ser e Estar no globo terrestre, representando um divisor de águas na história da humanidade. Essa nova realidade virtual, que veio para ficar, pede reflexões. Sem demonizar, evidentemente, as tecnologias digitais, é importante pensá-las em favor do humano, e não apenas do Capital. Pois, é desumano impor um mundo sem pausas, sem limites e sem fronteiras, na esfera do trabalho, do lazer, do consu-

mo e do entretenimento. Ainda não se sabe os efeitos da revolução digital no futuro das novas gerações; mas, já se sente o impacto deste mundo nas gerações que viveram o mundo analógico e precisaram adotar essa dinâmica digital para poder acessar bancos, frequentar aeroportos, participar do mundo do consumo, e até, acessar cardápios em restaurantes que adotaram um atendimento digitalizado.

Ainda não se sabe os impactos da Inteligência Artificial (IA) que propõe criar uma rede de neurônios artificiais que imitam a estrutura e as funções do cérebro humano, de forma que a máquina reproduza a mente humana, e tenha recursos para tomar de decisões, fazer reconhecimento, memorizar emoções e reagir em situações sociais como um ser humano¹². Chamou atenção uma matéria jornalís-

12

Ver em <https://cloud.google.com/learn/what-is-artificial-intelligence?hl=pt-BR>. Acesso em 06/09/2025.

tica intitulada “No divã com a IA: os jovens que fazem terapia com bots de inteligência artificial”¹³, publicada do site g1.globo.com, e republicada pela BBC, em 07/01/2024, que afirma já existirem mais de 470 bots¹⁴, que se apresentam como personagens capazes de ajudar a quem está em sofrimento subjetivo. Falam em diversos idiomas e se identificam como “terapeutas”, “psicólogos” e “psiquiatras”. Há registros de que são acessados, diariamente, por 3,5 milhões de internautas. Essa realidade ainda precisa ser investigada para se ter uma noção dos efeitos subjetivos de máquinas ensaiadas para dar respostas e sugerir atitudes a pessoas que vivem momentos de solidão ou desespero.

Diante de tantas incertezas produzidas pelas inovações tecnológicas e pelo mundo digitalizado, resta uma certeza: a Psicanálise não pode se furtar a essas reflexões, sob pena de não estar à altura de alcançar a subjetividade do seu tempo.

REFERÊNCIAS

Bauman, Zigmunt (2007). *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Espinoza, Marina P.V e Zanotti, Suzane V. (2017). Fibromialgia e psicose: a dor e suas funções. In *A face crônica da dor*. Org. Besset, Vera L. e Zanotti, Susane (pp.87-118). Maceió: EDUFAL.

Ferreira, Ruth V.L (2008). *O Poder e a Cultura de Violência no Estado de Alagoas*. Maceió: EDUFAL.

Freud, Sigmund (2011) *Psicologia das massas e análise do eu*. In *Sigmund Freud. Obras completas (1920-1923)*. Vol 15. (pp 13- 113), São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921).

Haidt, Jonathan (2024). *A geração ansiosa. Como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais*. São Paulo: Companhia das Letras.

13

 <https://g1.globo.com/saude/noticia/2024/01/07/no-diva-com-a-ia-os-jovens-que-fazem-terapia-com-bots-de-inteligencia-artificial.ghhtml>. Acesso em 06/09/2025.

14

 Os bots são baseados em personagens reais ou fictícios, que prestam serviço de atendimento psicológico, apresentando-se como “alguém que ajuda nas dificuldades da vida”.

Lacan, Jacques (1998). Função e campo da fala e da linguagem. In *Escritos*. Campo Freudiano no Brasil (pp. 238–324). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1953).

Prioste, Cláudia (2020). *O adolescente e a internet. Laços e embaraços no mundo virtual*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp.

Souza, Maria Laurinda Ribeiro (2005). *Violência*. Coleção Clínica Psicanalítica, São Paulo: Casa do Psicanalista.

Fontes : Família Gotham e Leitura News
Maceió, novembro de 2025
Publicado originalmente em novembro
de 2025 em www.gpal.com.br



